

revista

MUNDO ESCOLAR

ANO 4 - Nº 13 - JAN/2022



A FORMAÇÃO PERMANENTE DO PROFESSOR NO TEMPO PRESENTE

Por que a construção da identidade de quem ensina não é um “produto acabado” e deve estar em constante evolução, para atender às necessidades de quem vai aprender

BNC

Formação inicial e continuada no Brasil em pauta

EUROPA

Entrevistas exclusivas com teóricos sobre as práticas internacionais de formação docente

INCLUSÃO, DIVERSIDADE E CULTURA

Desenvolver o olhar docente para promover uma melhor relação de aprendizagem ao estudante

FTD
EDUCAÇÃO

O portal Conteúdo Aberto está de cara nova.

Os conteúdos que você já acompanha agora podem ser encontrados com mais facilidade. Com uma área específica de acesso para professores e outra para estudantes, todos os recursos estão divididos por categorias que ajudam no dia a dia escolar.

Tudo disponível de forma aberta e gratuita, com atualizações o ano todo.



ACESSE E CONHEÇA:
conteudoaberto.ftd.com.br

Novo portal **Conteúdo Aberto**.
Conhecimento que aproxima.

**CONTEÚDO
ABERTO**

FTD
EDUCAÇÃO

FORMAÇÃO PERMANENTE: PREPARAR O DOCENTE PARA A REALIDADE

Esta edição, que acompanha a realização da Jornada Pedagógica 2022, faz um convite para ampliar a experiência da formação continuada – ou permanente –, pelos diferentes matizes que a realidade pode oferecer.

Entregamos aqui, provavelmente, um compilado com a maior participação de nomes internacionais. Foram entrevistas exclusivas, que elencaram os principais tópicos em depoimentos de autores que são norteadores teóricos desse assunto ao redor do mundo.

Nas páginas a seguir está o acompanhamento oferecido a docentes na República Dominicana, narrado pelas palavras do espanhol Carlos Marcelo García; das classes infantis, como as crianças italianas de San Miniato vivenciam uma inovadora experiência de ensino, sob os olhos do pesquisador Aldo Fortunati; já o catalão Francisco Imbernón discorre sobre os riscos de uma preparação individualista do professorado.

Nessa mesma tecla, direto de Lisboa, Portugal, António Nóvoa alerta, mais uma vez, sobre a importância de colocar o profissional do ensino no centro de seu processo formativo – “raramente vejo ser realçado o que os professores sabem, as suas experiências inovadoras ou a forma como procuram dar resposta a realidades sociais duras e difíceis”, comenta.

Mas os holofotes não estarão, apenas, nos teóricos do exterior. Especialistas que vivenciam, acompanham e ajudam a moldar o processo de formação docente em nosso país também estarão entre os entrevistados. Nomes como os dos professores Bernardete Gatti, com seu olhar atento e crítico, de uma pioneira na preparação docente, e de Mozart Neves Ramos, representante incansável na elaboração de documentos que criem pontes entre as instituições formadoras e as redes.

Incentivamos também a uma reflexão sobre si: um exercício de psicologia, que propõe o autoconhecimento como ferramenta indispensável para inovar em educação.

Enfim, é um convite para que o professor tenha voz e possa compartilhar suas vivências e possibilidades. Boa jornada!

Editorial Revista Mundo Escolar

Equipe de trabalho FTD Educação

Ricardo Tavares
Cecilyan Alves Feitosa
Roberta Campanini
Elaine Cristina Castello
Clayton Luiz Ferreira de Oliveira
Estella Pina Bover

Realização:

Editor:
Edimilson Cardial
Curadoria:
Marcelo Daniel
Elaine Cristina Castello
Projeto gráfico e diagramação:
Débora de Bem
Gerente de publicidade:
Margarete Rios Silva



A revista **Mundo Escolar** é uma publicação trimestral da FTD Educação, produzida pela RFM Editores com conteúdo exclusivo para seus leitores. Distribuição gratuita.

Impressão:

FTD
EDUCAÇÃO | GRÁFICA &
LOGÍSTICA

FTD Educação

Rua Rui Barbosa, 156 - Bela Vista - São Paulo
CEP 01326-010 - www.ftd.com.br



- 6** A formação do professor e o distanciamento de um “produto acabado”
- 10** Uma base pensada para preparar o docente
- 14** É preciso valorizar a palavra dos professores
- 18** Na Itália, o direito à educação acompanha a criança desde o nascimento
- 22** 4 verdades (e 1 mentira) sobre inovar em Educação
- 24** Reflexão sobre a formação permanente de professores no Brasil
- 26** O hiato entre a teoria e a prática
- 30** Diversidade e Inclusão devem permear projeto político-pedagógico das escolas
- 32** Pouco avanço na integração tecnológica
- 36** Vivências da formação docente para o Novo Ensino Médio
- 40** “Estou há 32 anos no magistério e ainda não vi o suficiente”
- 42** Vozes da formação docente ao redor do Brasil



estuda.com
uma empresa
parceira
FTD Educação



**Avaliar e acompanhar a evolução
do aprendizado nunca foi tão fácil.**



A SUA PLATAFORMA EDUCACIONAL DE AVALIAÇÃO E DESEMPENHO!

+ de **1300**
escolas
parceiras em todo o Brasil



+ de **8 milhões**
de estudantes



+ de **36 mil**
professores



+ de **144 mil**
questões de Ensino Fundamental
Anos Iniciais e Ensino Médio



A **estuda.com**, em parceria com a **FTD Educação**, deseja simplificar todo o processo de ensino e aprendizagem e impactar diretamente o desempenho escolar. Como? Automatizando o processo de criação e correção de avaliações e simulados.

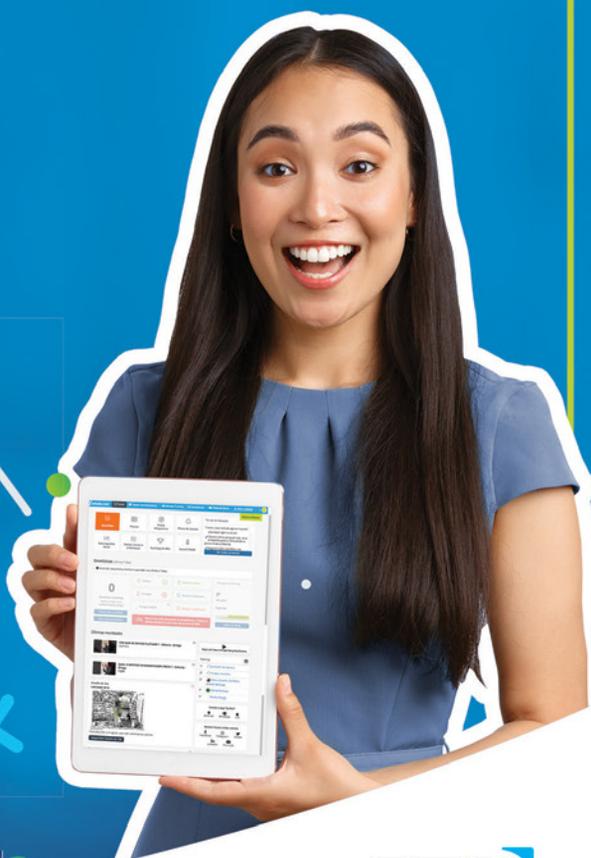
A *estuda.com* simplifica e faz a diferença.

+ INTERATIVIDADE

+ GAMIFICAÇÃO



Conheça a **estuda.com**,
acessando o QR code!



FTD
EDUCAÇÃO





A formação do professor e o distanciamento de um “produto acabado”

A construção da identidade de quem ensina deve estar em constante evolução, para ser capaz de atender às necessidades de quem vai aprender

Andar pelas ruas de algumas cidades da República Dominicana, país caribenho localizado na ilha Hispaniola, é uma experiência marcada por extremos. As duas horas de rodovia que separam a capital Santo Domingo do distrito de Punta Cana são um exemplo disso. Enquanto um dos maiores destinos turísticos do hemisfério, com seus mares de um azul marcante e resorts de alto nível, construíram bolsões de luxo, os centros urbanos e demais localidades registram graves problemas humanitá-



rios, com índices preocupantes de subnutrição, analfabetismo e mortalidade infantil.

“Se uma criança não aprender a ler e escrever, e entender o que lê e não se expressar com clareza, seu curso de vida será deficiente”, comenta o professor Carlos Marcelo García, catedrático e coordenador do Programa de Doutorado em Educação da Universidade de Sevilha, na Espanha. Sua longa trajetória acadêmica tem um forte olhar sobre a formação docente, tema no qual chegou a integrar um comitê nacional para discussão.

E a relação da República Dominicana com sua linha de pensamento está no *Programa Nacional de Inducción*, ou Inductio, que o docente foi um dos responsáveis por desenvolver e implementar no país, com foco nos desafios iniciais de professores recém-formados.

MUDANÇA DE PARADIGMA

A escolha da República Dominicana para implementação do programa teve origem na grava-



García: “Nunca ocorreram tantas mudanças na sociedade – não só no campo tecnológico, mas no dos processos de conhecimento”.

“NÃO PODEMOS SEGREGAR NOSSA PERSONALIDADE A SER DOCENTE DAQUELA QUE SOMOS QUANDO CONVIVEMOS COM OUTRAS PESSOAS – É UM PROCESSO EVOLUTIVO QUE SE DESENVOLVE AO LONGO DO TEMPO, A PARTIR DAS INTERAÇÕES E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS”

de dos problemas em seu sistema educacional. Com base em relatórios internacionais, são evidentes os índices negativos no ensino, principalmente em temas como leitura, escrita e matemática.

O Inductio é obrigatório a todos os professores egressos dos cursos de formação e tem como meta uma quebra do paradigma na prática em sala de aula.

“Essa mudança parte da ideia de reconhecer a complexidade do ensino e do fato de que o professor precisa de apoio e acompanhamento para sua melhor inserção profissional”, explica García, que destaca a importância da mentoria nessa jornada de inserção.

Esse apoio a que se refere é prestado por um mentor – um professor com experiência na sua área específica e capaz de ajudar nas reflexões sobre sua prática.

“O programa de treinamento também faz uso intensivo de tecnologias digitais para apoiar essa dinâmica – todo esse esforço está servindo para que os novos docentes comecem a trocar as práticas tradicionais nos seus centros educativos”, comenta.

A proposta vem sendo considerada exemplo de atuação com bons resultados (*ver boxe*) e projeção em toda a América Latina onde, segundo o catedrático, não há projetos sob o mesmo formato e duração.

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO DOCENTE

Com frequência, García ressalta a importância de não entregar a formação acadêmica de um professor como um “produto acabado”. Por outro lado, ele vem defendendo nos últimos anos que se trata de uma identidade que se constrói tanto na experiência pessoal quanto na social desse agente.

“Não podemos isolar nossa personalidade de docente daquela que somos quando convivemos com outras pessoas – é um processo evolutivo que se desenvolve ao longo do tempo, a partir das interações e experiências vividas”, explica.

Nesse conjunto estão vivências positivas e negativas, que se refletem naqueles que estão ao seu redor nesse universo educacional (outros professores ou estudantes). Também aparece, nessa construção,

RESULTADOS NAS MENTORIAS NA REPÚBLICA DOMINICANA

As análises e relatórios do *Programa Nacional de Inducción*, aplicado a professores recém-formados, foram produzidos cinco anos após seu início e levam em conta mentorias, o uso de tecnologia como plataformas e conteúdos online e encontros presenciais.

Após esse período em contato com os recém-formados, eles expuseram dores que encontraram ao se deparar com a atividade profissional. Medo, insegurança e surpresas em assuntos como:

- ✓ o que foi aprendido na universidade e o que foi encontrado na escola;
- ✓ obstáculos e sofrimentos com o preparo insuficiente da docência;
- ✓ inexperiência;
- ✓ dúvidas com as práticas estabelecidas.

Após o fortalecimento dessa categoria com o *Inductio*, uma primeira reação foi a de que esses participantes conseguiram identificar, com maior facilidade, as dificuldades que estavam enfrentando – e isso facilitou a confiança em si mesmos, além da superação dessas frustrações.

Outros pontos aperfeiçoados:

| | | |
|--|--|---|
| Permitiram melhor controle da aula e dos alunos | Fortalecimento das competências digitais | Conhecimento do currículo |
| Elaboração e aplicação de instrumentos para planejamento | Elaboração e uso de recursos didáticos | Fortalecimento das relações interpessoais |

fatores como seus círculos sociais e sua própria biografia. “Tudo isso vai gerando uma ‘amálgama’ de atitudes, sentimentos e autopercepções que vão configurando a identidade docente”, pontua.

Do ponto de vista coletivo, o catedrático se refere a rotinas em que professores se deparam com situações desafiadoras, e são provocados pelo contexto a encontrar uma resolução conjunta. Aqui o pesquisador lança mão de um conceito extraído de outro teórico, o suíço Etienne Wenger, que cunhou o termo “comunidade de prática”. “É a atividade que desenvolve o valor dos objetivos compartilhados que cria um sentimento de pertencer a um grupo – seja o desenvolvimento de um projeto de horta escolar ou a defesa da escola pública”, amplifica.

UMA NECESSIDADE ABSOLUTA

O doutor da Universidade de Sevilha classifica com essa veemência o desafio de não encarar a formação docente como um pacote fechado e definitivo. “Nunca ocorreram tantas mudanças na sociedade – não só

no campo tecnológico, mas dos processos de conhecimento, gestão e comunicação humana”, avalia.

Na visão de García, estamos vivendo o século da aprendizagem – “inclusive esperam que até as máquinas aprendam (*machine learning*)”. O teórico ressalta que está falando do aprender e não da formação em si. O desafio é democratizar os caminhos que permitem às pessoas assimilar o que precisam ou desejam – isso significa transformar os processos educacionais, para que a ênfase seja na aprendizagem”.

Em sua jornada de multiplicação de estudos sobre a formação de profissionais, defende que, além da paixão e comprometimento, também são pilares fundamentais o conhecimento e a sabedoria – estruturas que emergem com a experiência, mas também com a evidência científica.

“Precisamos de professores que investiguem e sejam capazes, como a comunidade médica, de basear sua prática nas evidências geradas pelo conhecimento científico, não apenas em crenças e tradições”, conclui. 🌐



Uma base pensada para preparar o docente



O que contemplam os documentos elaborados pelo MEC com as diretrizes – tanto para o início da carreira dos professores quanto para o aprendizado contínuo em sua jornada profissional

A pesar de ser um anseio antigo do segmento educacional brasileiro, é inegável que a discussão e gradativa implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) despertou, também, a discussão sobre formação dos professores.

Afinal, como discutir a inserção de novos conteúdos e competências na estrutura de educação sem conferir um olhar mais cuidadoso ao emissor dessas mensagens, personificado na figura dos docentes.

Foi com esse objetivo que nasceram os textos da Base Nacional Comum para a Formação Inicial (BNC-FI) e da Base Nacional Comum para a Formação Continuada (BNC-FC), aprovados pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), do Ministério da Educação (MEC), respectivamente, em

2019 e 2020. Desde então, discutem-se as possibilidades de aplicação e adaptação das propostas em cada uma das matrizes.

“É preciso ter clareza do cenário que estamos vivendo e de qual professor vamos precisar”, observa o membro do CNE Mozart Neves Ramos, referindo-se a uma realidade disruptiva, onde o professorado engrossa a categoria de profissões que terão de absorver novas habilidades e competências. “Os docentes deveriam preparar o aluno para o futuro do aluno, e não para o passado do professor, como dizia o matemático americano Richard Hamming”, pontua.

O pesquisador, que é titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto, foi um dos nomes que participaram do desenvolvimento do texto das duas publicações normativas.

FORMAÇÃO *VERSUS* REALIDADE

De acordo com Ramos, uma das preocupações marcantes durante a elaboração da BNC-Formação estava estritamente ligada na aproximação entre esses dois mundos: a formação docente e a realidade da escola.

“Tínhamos como ponto de partida alguns desafios que as pesquisas revelavam, entre eles que os currículos da formação inicial no Brasil não se voltavam para as questões ligadas ao campo do exercício profissional, não observavam uma relação efetiva entre teoria e prática e tinham uma característica fragmentária e um conjunto disciplinar bastante disperso”, conta.

Isso motivou que a resolução valorizasse a prática profissional desde o início do curso, propondo a criação de Unidades Integradoras de Formação, para romper com a fragmentação curricular atual e incentivar a interdisciplinaridade.

Além disso, recomenda reforçar, mediante instrumentos formais de cooperação, a participação de professores da educação básica na formação dos futuros professores. “Entendemos que é fundamental criar uma ponte orgânica entre as instituições formadoras e as redes e sistemas de ensino da educação básica”, diz.

Mozart Ramos:
“Preparar o aluno
para o futuro do
aluno, e não para
o passado do
professor”

INICIAL

Com uma proposta que estabelece mudanças nos cursos de pedagogia e licenciatura, a BNC-Formação Inicial joga luz em pilares que enfatizam temas como: as competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, as aprendizagens essenciais aos estudantes, nos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno das pessoas e a educação integral.

Sobre os recém-formados, o catedrático ressalta a existência de uma lacuna entre sair da graduação e iniciar na profissão. “O grupo sente muito não ter uma preparação prévia com base numa residência docente, de ter um conhecimento da



escola em que vai lecionar, do seu projeto pedagógico, de ter um mentor ajudando nesse processo inicial de inserção”, observa.

Os países que estão no topo da educação mundial, segundo o professor, investem fortemente nisso. “A Finlândia tem um belo trabalho de residência pedagógica; deveríamos seguir o mesmo exemplo da medicina: um médico no Brasil antes de clinicar passa por essa etapa; por que não fazemos o mesmo com o professor?”, compara.

FORMAÇÃO CONTINUADA

O segundo grupo, ou seja, aqueles que já estão exercendo atividades do magistério, destaca, sem muita necessidade de ter referenciais docentes para o seu desenvolvimento e uma formação continuada compatível com a dinâmica do processo de ensino e de aprendizagem.

“No Parecer da Formação Continuada consideramos como medida eficaz para a garantia da qualidade docente – e para a atratividade de talentos para a profissão – que os cursos e programas oferecidos pelas redes de ensino estejam articulados a expectativas claras do que o professor precisa saber”, afirma.

Para Ramos, isso significa ter o necessário para que esses profissionais sejam capazes de saber o que fazer em cada estágio de sua carreira. E mais: que eles tenham oportunidade de promoção quando desenvolvem os referenciais esperados para tal progressão.

Enquanto estratégia, o que propõe a BNC-Formação Continuada é diferente do documento anteriormente citado. “Precisamos reconhecer que um professor em início de atividade vai precisar de competências e habilidades que são distintas daquelas dos que já estão no exercício do magistério”, explica.

No texto, isso se reflete no conjunto das matrizes de competências específicas e suas respectivas habilidades no corpo do Parecer e da Resolução das BNC de Formação Inicial e Continuada, mas tais matrizes, por sua vez, estão sedimentadas nas três dimensões: conhecimento, prática e engajamento profissionais.

DESAFIOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO

Em um momento complexo, apesar de a normatização dos conceitos para as mudanças no processo de formação docente estar em um estágio bem estruturado, há *gaps* na execução dessas premissas no campo educacional.

“Têm sido anos difíceis, seja por conta da pandemia, mas também pela dificuldade de articulação do Ministério da Educação (MEC) com as redes e sistemas de ensino”, comenta Ramos.

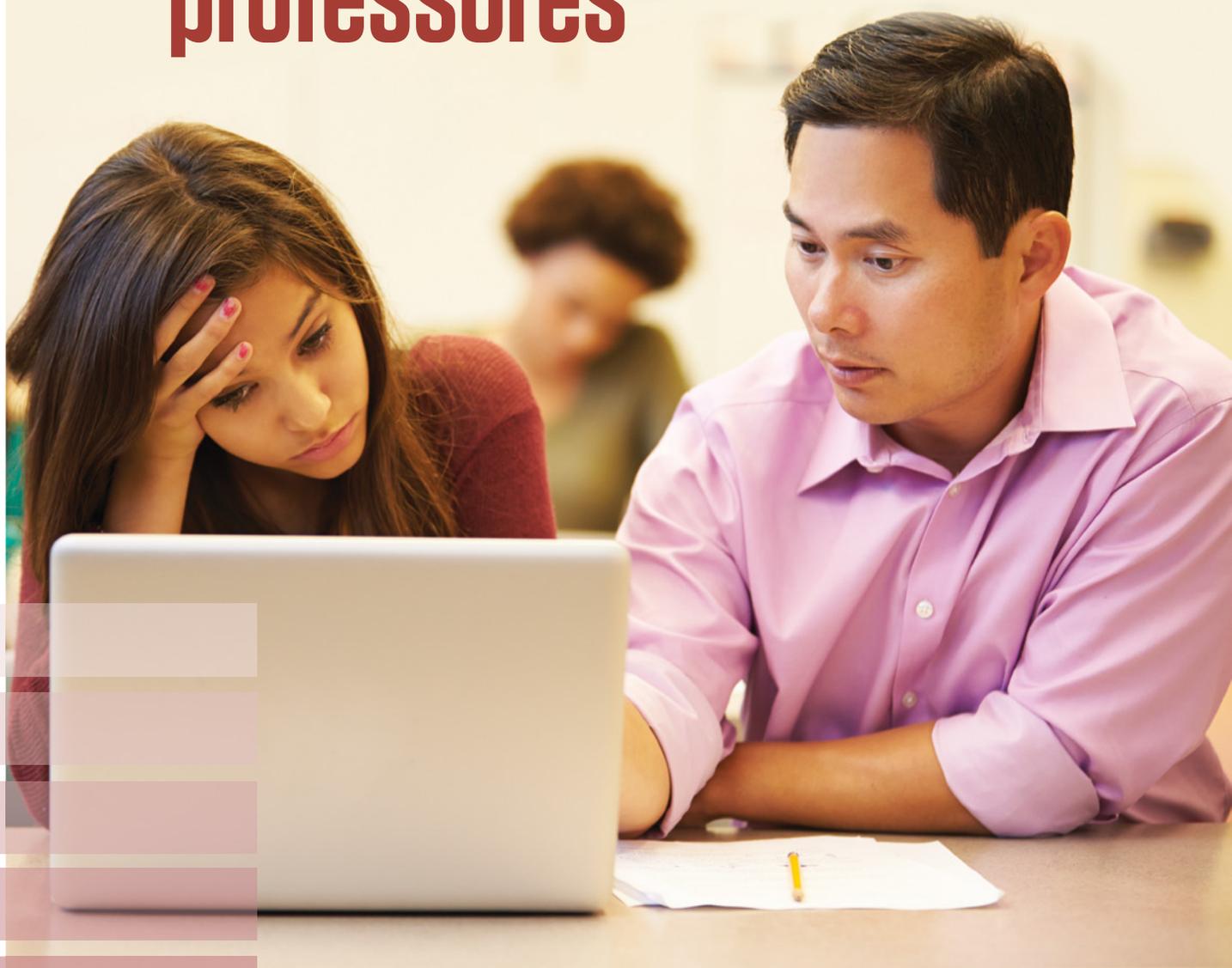
O teórico exemplifica a situação citando as consequências de um edital lançado pelo MEC para promover a BNC-Formação. “O impacto foi muito pequeno, porque não ouviu as instituições formadoras, as redes e sistemas de ensino”, diz.

Por outro lado, o catedrático vê com bons olhos a articulação que vem acontecendo entre o terceiro setor e as redes de educação, não só no que se refere à implementação da BNCC, como na formação de professores para esses novos tempos. “Recentemente a Profissão Docente coordenou a elaboração de um belíssimo documento de apoio às redes para a formação de professores com base no que está posto nas nossas resoluções da Formação Inicial e Continuada”, cita.

Diante da modernidade e dos desafios propostos pela BNCC e os novos tempos, o membro do CNE alerta que, na maioria das vezes, o professor se prende mais ao retrovisor do que para onde aponta o farol. “Os professores não serão, na minha opinião, substituídos pelas novas ferramentas digitais, mas vão precisar saber usá-las no processo de ensino e de aprendizagem – o cenário atual e o futuro vão exigir cada vez mais um docente inovador, criativo, que saiba pensar fora da caixa e que leve os seus alunos ao desenvolvimento pleno”, conclui. 🌐

“A FINLÂNDIA TEM UM BELO TRABALHO DE RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA; DEVERÍAMOS SEGUIR O MESMO EXEMPLO DA MEDICINA: UM MÉDICO NO BRASIL ANTES DE CLINICAR PASSA POR ESSA ETAPA; POR QUE NÃO FAZEMOS O MESMO COM O PROFESSOR?”

É preciso valorizar a palavra dos professores



Teórico da educação e reitor honorário da Universidade de Lisboa fala sobre a importância de mudar o foco do protagonismo em quem discute os temas sobre a docência



Olhar analítico do professor universitário português António Sampaio da Nóvoa acompanha sua vasta biografia. Além de uma carreira ligada à educação e aos estudos em temas como história dos processos educativos e psicologia, é muito importante sua participação na pesquisa sobre a formação de professores.

É doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra e História Moderna Contemporânea pela Universidade Sorbonne. Atualmente, além de professor do Instituto de Educação, é reitor honorário da Universidade de Lisboa, Portugal.

São mais de 150 livros, traduzidos em diversos idiomas, que dão eco ao trabalho do catedrático, que chegou a se candidatar à presidência de Portugal em 2016 – não saiu vitorioso, mas conseguiu 22% dos votos, ocupando a segunda posição.

Nessa conversa com a revista **Mundo Escolar**, Nóvoa reiterou um assunto que aborda com convicção, de forma direta e aberta: a importância de dar protagonismo ao docente no processo de formação na discussão do segmento educacional contemporâneo.

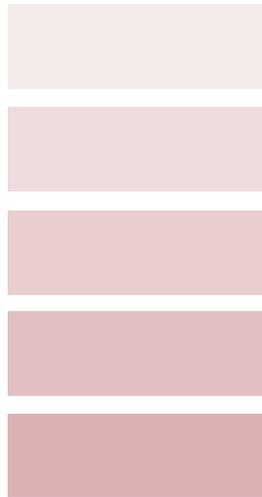
Mundo Escolar – Em algumas de suas falas, o senhor afirma que os professores viram o seu território profissional e

simbólico ser ocupado pelos discursos de outros grupos. De que forma esse espaço foi ocupado?

António Sampaio da Nóvoa – É fácil olhar à nossa volta e ver quem fala publicamente sobre educação. São os professores? Raramente ou nunca. São grupos diversos de especialistas, cientistas, colunistas, gestores, economistas, fundações, grupos editoriais etc. Todas essas pessoas têm opiniões sobre a educação e a escola, e elas são importantes e legítimas. Mas, muitas vezes, trazem um discurso arrogante, com muito ruído, que coloca os professores numa situação tímida e defensiva. Afinal de contas, o que vale a palavra de um “simples” professor da educação básica em comparação com a palavra de pessoas tão “ilustres”? É preciso mudar esse estado de coisas e valorizar, verdadeiramente, a palavra dos professores.

O senhor acredita que esse fenômeno se repete em outros países e continentes?

Sim, mas adquire uma dimensão maior no Brasil, devido à fragilidade da cultura profissional docente. Fico sempre muito impressionado com certos discursos sobre os professores no país. São quase sempre para referir o que eles não sabem ou não conhecem, para falar das suas necessidades de formação ou das suas fragilidades. Raramente vejo realçar o que os professores sabem, as suas



A CULTURA DOCENTE

O professor Antônio Nóvoa utiliza, com frequência, a afirmação de que é necessário valorizar a cultura docente.

Algumas políticas que podem ser fundamentais nesse processo, que fazem parte de uma proposta de pensar integralmente o ciclo de vida profissional dos professores, abrangem iniciativas como:

- ✓ de atração de jovens para as licenciaturas; de renovação das licenciaturas como cursos efetivamente de formação para a profissão de professor;
- ✓ de construção de programas de indução profissional para a fase de transição entre a formação e a profissão e de acompanhamento dos professores principiantes;
- ✓ de reforço de uma formação continuada dos professores em relação com os processos de inovação e de transformação da escola;
- ✓ de ajuda aos professores na fase de pré-aposentadoria e, até, de aproveitamento dos aposentados para falarem com os jovens sobre as suas experiências, dilemas e histórias.

Como resposta, o catedrático ressalta os três verbos que devem ser valorizados nessa relação: *Proteger* os professores, sobretudo os jovens e aqueles que atuam em territórios mais problemáticos; *Partilhar* o que os professores sabem, as suas experiências e reflexões, de modo a construir e valorizar o conhecimento profissional docente; *Participar* ativamente na gestão da escola, e na sociedade, e na formulação das políticas públicas de educação.

experiências inovadoras ou a forma como procuram dar resposta a realidades sociais duras e difíceis. Claro que nada disso é inocente. Se os professores “não sabem”, então é preciso que alguém saiba por eles e lhes explique, de fora da profissão, o que é preciso fazer...

Na Europa, há uma tradição de maior reconhecimento do trabalho dos docentes, o que permite alargar as suas margens de liberdade e autonomia.

No Brasil, nem sempre é assim e certos movimentos políticos contribuíram fortemente para um desgaste da autonomia da classe. Sei que chegou a existir apelos para que alunos filmassem professores, durante as aulas, a fim de os denunciarem. É o gesto mais grave que posso imaginar, porque é contrário a todos os princípios e valores educativos, porque destrói a base de qualquer relação pedagógica – a confiança mútua entre professores e alunos.

“SEI QUE CHEGOU A EXISTIR APELOS PARA QUE ALUNOS FILMASSEM PROFESSORES, DURANTE AS AULAS, A FIM DE OS DENUNCIAREM. É O GESTO MAIS GRAVE QUE POSSO IMAGINAR, PORQUE É CONTRÁRIO A TODOS OS PRINCÍPIOS E VALORES EDUCATIVOS, PORQUE DESTRÓI A BASE DE QUALQUER RELAÇÃO PEDAGÓGICA – A CONFIANÇA MÚTUA ENTRE PROFESSORES E ALUNOS.”

Que tipo de ações práticas são necessárias para oferecer protagonismo ao professor nesse processo de profissionalização?

É a resposta mais fácil, mas a de mais difícil concretização, pois choca com muitos interesses de universidades, de fundações, de grupos empresariais e editoriais, de centros vários etc. É preciso que haja uma valorização dos próprios professores,



Proteger, partilhar e participar: Nóvoa defende a aplicação dos três verbos no ciclo de vida profissional do docente.

daquilo que sabem e que fazem, através de um trabalho de partilha e de colaboração com os outros docentes. É preciso que eles escrevam e publiquem reflexões sobre as suas experiências e iniciativas. É preciso que haja uma regulação mais autónoma da profissão, menos dependente de lógicas políticas, burocráticas ou administrativas.

Não se nega a importância de colaborar com tudo e todos que estão fora da profissão. Os professores devem ser, por definição, uma profissão aberta à cultura, à ciência, à sociedade. Mas é preciso reforçar o poder dos professores sobre o seu próprio trabalho e sobre as suas dinâmicas de desenvolvimento profissional.

Diante de sua experiência, para um país com a realidade do Brasil, qual o grande desafio para o processo de formação continuada dos docentes?

O mais fácil é construir cursos e mais cursos, sobre as mais diversas “necessidades de formação” dos professores: desde as tecnologias às “competências socioemocionais”, desde as questões do cérebro e do seu funcionamento até aos “construtivismos” dos mais diversos tipos. Levam-se os professores para uma sala ou, agora, para uma tela, onde os mais diversos “especialistas” lhes ensinam tudo o que, supostamente, faria deles “melhores professores”.

O mais difícil, mas necessário, é criar as condições para uma reflexão partilhada dos docentes entre eles, deles com universitários e intelectuais, com os movimentos sociais, com artistas e cientistas. É nessa reflexão partilhada, feita em conjunto, que se encontra a chave para a formação continuada dos professores, sempre em ligação com o trabalho de transformação das escolas e com os processos de inovação pedagógica. 🌐

Na Itália, o direito à educação acompanha a criança desde o nascimento

Os projetos de pesquisa e as reformas educacionais conduzidas na formação de professores para o público entre as idades de zero a seis anos na realidade do país

Por um longo período, a organização das instituições de ensino para crianças entre zero e seis anos de idade na Itália obedecia a dois grandes eixos condutores, em separado: o primeiro englobava até os três e, o segundo, até os seis.

O ano de 2017, no entanto, marcou relevante reforma nacional do ensino infantil, ocasião em que esses dois caminhos foram unificados, e essa faixa etária, como um todo, passou a ser identificada como o primeiro segmento do sistema educacional italiano.

Apesar de ainda existirem diferenças na difusão de oportunidades para cada núcleo de idades nesse conjunto, há uma oferta para os educadores de cursos específicos, direcionados às necessidades dos alunos em cada trecho dessa jornada inicial – uma proposta que se enquadra com a essência do que seria a formação continuada naquele país.

“A vertente da aprendizagem ao longo da vida tinha sido identificada como um pré-requisito para o desenvolvimento de experiências educativas de qualidade, na consciência de que o profissionalismo educativo deve incidir continuamente na perspectiva de reflexão sobre as vivências”, reforça o espe-



cialista em Desenvolvimento Infantil e Políticas para a Infância, o professor e psicólogo italiano Aldo Fortunati.

O pesquisador é professor da Universidade de Florença, cidade onde é diretor da Área de Infância e Adolescência do Istituto degli Innocenti. Também ocupa a presidência de La Bottega di Geppetto – Centro Internacional de Pesquisa e Documentação sobre a Infância Gloria Tognetti, em San Miniato. Nos últimos 20 anos, coordenou projetos de pesquisa e atividades de monitoramento de políticas em nome do governo nacional e dirigiu programas de cooperação internacional na América Latina.

VERIFICAÇÃO E INOVAÇÃO DO PROJETO EDUCACIONAL

No modelo atual, o recurso que eles chamam de “aprendizagem ao longo da vida” é uma característica que se aplica a docentes dessas duas etapas do ensino infantil italiano: no *nido* (0-3) e na *scuola*

dell’infanzia (3-6). Tem o objetivo de remediar as diferenças persistentes nas qualificações educacionais oferecidas, com pelo menos 25 horas por ano (média de uma vez ao mês), de aperfeiçoamento na forma de trabalho remunerado – e não de um investimento pessoal e voluntário.

“Os coordenadores do sistema integrado 0-6 são os melhores protagonistas da organização da formação permanente de educadores, bem como os responsáveis pela implementação de formas adequadas de supervisão sobre o funcionamento normal dos serviços educativos e sobre a aplicação coerente e atualizada do seu projeto”, pontua.

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA DO DOCENTE

Em suas abordagens, Fortunati defende o uso da documentação pedagógica do docente não apenas como ferramenta importante para educadores, mas como um elemento de verificação da qualidade do seu trabalho educativo.

“Precisamos documentar porque só o registro nos permite apoiar um processo de avaliação colegial e verificar qualitativamente as experiências, porque transforma impressões e avaliações pessoais em questões de discussão e comparação”, observa.

A documentação pedagógica tem o mérito e o valor de reconhecer e contar o sentido das experiências vividas pelas crianças e, portanto, focar não só a representação dos seus resultados, mas ser capaz de narrar o processo pelo qual a vivência decorre. “Palavras, lugares, fotografias, passagens gravadas podem, assim, constituir ingredientes de um conto e de uma história que acompanham o desenvolvimento das experiências e que constituem a base para discutir entre docentes e partilhar reflexões úteis com os pais”, comenta.

Os protagonistas dessa documentação são os professores, pois é preciso fazer parte da situação vivenciada.

Por outro lado, essa natureza de registro é válida quando é também fruto de comparação e discussão no seio do grupo educativo. “Para isso é imprescindível que o grupo não esteja só, mas conte com uma figura de coordenação e supervisão do sistema, que



assume a função de facilitar a comparação e ao mesmo tempo interpretar um ponto de vista autoritário dentro do todo”, comenta.

O PAPEL DOS TUTORES

Levando em conta aquilo que o teórico chama de “ecologia educacional”, que representa o contexto em que essas experiências se desenvolvem, a educação não deve ser um processo de transferência de competências – de quem as conhece (o adulto) a quem ainda não as tem (a criança).

“É preciso apresentar um processo em que se ofereça um quadro organizado de oportunidades capaz de estimular os pequenos – e cada um deles, de uma forma diferente e original – a construir e desenvolver suas habilidades”, complementa.

Essas considerações, prossegue, mostram que a vida profissional do docente não se esgota na formação teórica básica, mas deve incluir uma parte em que o futuro educador seja acompanhado e colocado na vivência prática do papel do encontro com a criança, entrando, progressivamente, na situação e na função.

“A tutoria torna-se a parte final de um processo que vincula a vivência do estágio ao início de atividades profissionais reais, que é exatamente a mesma que sempre será alcançada ao longo do tempo por meio da função de supervisão”, explica, referindo-se a um olhar externo e competente, capaz de agregar pontos de comparação e, assim, fortalecer a identidade e as competências.

UMA FORMAÇÃO TEÓRICA DE ALTO NÍVEL

Para Fortunati, já passou da hora de se valorizar a função do professor como um todo, mas também de direcionar um olhar mais atencioso ao docente da educação infantil, que geralmente recebe menor salário por estar numa função que, por vezes, é considerada erroneamente como “coisa simples”.

“A questão ainda mais relevante é pensar que uma formação verdadeira e plenamente adequada é, sobretudo, aquela que nunca acaba, que não se esgota no básico; e que cultive a reflexão, a verificação e a perspectiva de mudança e inovação por

O PROTAGONISMO EM SAN MINIATO

Fase marcante da biografia de Aldo Fortunati relaciona-se com o projeto educacional infantil do pequeno município (ou comuna) de San Miniato, localizado na região da Toscana, Itália.

A abordagem utilizada oferece aos pequenos estudantes a oportunidade de protagonismo no processo educativo. Ao redor deles, professores são formados especialmente para essa experiência, além da participação das famílias e da administração.

As dinâmicas acompanham um modelo aberto de aprendizagem, com foco na memória do que ali está se desenvolvendo.

Em San Miniato, as creches têm um público final muito mais amplo: a própria comunidade.



Para Fortunati, documentação pedagógica reconhece experiências vividas pelas crianças

“É PRECISO APRESENTAR UM PROCESSO EM QUE SE OFEREÇA UM QUADRO ORGANIZADO DE OPORTUNIDADES CAPAZ DE ESTIMULAR OS PEQUENOS – E CADA UM DELES, DE UMA FORMA DIFERENTE E ORIGINAL – A CONSTRUIR E DESENVOLVER SUAS HABILIDADES.”

meio de oportunidades que acompanhem a vivência do trabalho e da prática educativa, oferecendo oportunidades e tempo para isso”, enfatiza.

Nesse caso, ao falar das crianças, o especialista reforça a importância de garantir a esses docentes a estrutura de trabalho para a formação permanente, para documentar, discutir juntos e, se possível, também para lidar com outras experiências.

“Só uma dimensão costumeira de reflexão pode, de fato, sustentar um profissionalismo capaz de ocorrer e se fortalecer no tempo, evitando a repetitividade rotineira e irrefletida de hábitos – e possibilitando abertura até o terreno da experimentação e da pesquisa inovadora”, conclui. 🌐

4 verdades (e 1 mentira) sobre inovar em Educação

Fatos e um mito sobre essa competência que está, literalmente, mexendo com a cabeça de profissionais de todas as áreas – inclusive, do ensino



Fernanda Furia: reinvenção na carreira após 17 anos de psicologia clínica

Narrar os acontecimentos dos últimos dez anos na carreira da consultora de inovação em psicologia e educação, Fernanda Furia, é uma forma prática de entender os pilares das mudanças que sua empresa, o Playground da Inovação, propõe a outras companhias que buscam a modernidade – ou às que já nasceram nesse contexto, como as edtechs.

Após 17 anos de atuação na psicologia clínica, com um olhar especial para o atendimento de crianças em seu consultório, a autora do livro *Psicologia da Inovação: o que está por trás da capacidade de inovar resolveu se reinventar*. A mudança foi tão profunda, com a especialização em pilares como antropologia e gestão da inovação, que possibilitou a fundação de sua companhia e o trabalho de acompanhar e apoiar esses processos disruptivos em outros *players*.

A convite da revista **Mundo Escolar**, pedimos que a professora de psicologia da inovação na Fiap, de São Paulo, selecionasse quatro verdades e uma mentira sobre como os professores podem conhecer a si mesmos e inovar suas metodologias.

1. Inovar é difícil e exige muito do ser humano (✓)

“Mudar gera sofrimento e gasto de energia para o ser humano. Existe o luto pela perda do que é conhecido. Existe também o medo do desconhecido e do fracasso. E existem ainda as defesas psicológicas que tornam a inovação um paradoxo para o ser humano: queremos mudar e queremos também manter tudo como está. A inovação começa na mente do ser humano e as características psicológicas de um indivíduo podem ser as maiores barreiras para inovar.”

2. Desenvolver autoconhecimento é uma ferramenta importante nesse processo (✓)

“A habilidade para inovação tem raízes anteriores à capacidade de usar ferramentas e de implementar processos que favorecem a transformação. Portanto, é preciso desenvolver um autoconhecimento específico para inovar, focando os seguintes aspectos:

- Consciência sobre fatores familiares que nos influenciam a inovar;
- Compreensão da ligação da inovação com o brincar na vida adulta;
- Clareza sobre os obstáculos emocionais que alimentam a resistência;
- Identificação das próprias habilidades para inovação;
- Percepção das emoções ao longo da experiência.”

3. A psicologia da inovação é pouco abordada, porém muito importante (✓)

“Muito se fala sobre os processos e ferramentas de inovação para criar um novo produto, um serviço diferenciado ou um ambiente inovador. Mas raramente são abordados os aspectos psicológicos das pessoas que participam desses processos de inovação. O processo de autoconhecimento para inovar ilumina esse lado negligenciado e cuida das

pessoas que inovam, assim, os professores e professoras terão mais abertura para novas mentalidades, mais vontade para aprender novas ferramentas, mais capacidade de aguentar a difícil jornada de implementar novos formatos em sala de aula e energia para mobilizar a comunidade escolar rumo a uma visão atualizada de educação para os novos tempos.”

4. O autoconhecimento também se relaciona com a formação continuada (✓)

“Ocorre através de uma combinação de iniciativas e estratégias que informem os gestores, líderes educacionais, coordenadores e professores sobre a importância do autoconhecimento para inovar – uma vez que este é um tema novo – e que estimulem o desenvolvimento da capacidade psicológica de inovar. Palestras informativas, workshops ‘mão na massa’, dinâmicas com os professores e grupos de discussão são alguns caminhos eficazes para formar profissionais emocionalmente preparados para enfrentar a dura jornada para inovar em educação.”

5. Inovação em educação está 100% ligada à tecnologia (X)

“Tem a ver, antes de tudo, com uma mudança de mentalidade sobre as formas de aprender e de ensinar estabelecidas até hoje. Isso envolve quebra de paradigmas e, conseqüentemente, criação de ações e práticas diferenciadas. Por exemplo, estão nascendo novos papéis para o professor, novos formatos de aprendizagem, novas ferramentas que se encaixam nesses modelos inovadores. O uso de tecnologias vem depois da mudança de mentalidade e serve para acelerar e possibilitar essas transformações. Existe ainda um abismo entre as discussões que acontecem no âmbito da educação inovadora e as informações disponíveis no universo dos pais. O que ainda vemos muito é uma mentalidade de repetição dos modelos educacionais que os pais vivenciaram. Isso precisa mudar para avançarmos com mais rapidez.” 🌐

Reflexão sobre a formação permanente de professores no Brasil

**Um olhar atento e crítico
de uma especialista**
que, desde os anos 1970,
participa de estudos
pioneiros sobre a
preparação de docentes



Gatti: diretrizes
devem ser
apresentadas de
forma mais ampla

No panorama de estudiosos sobre a educação no contexto nacional, poucos carregam a biografia da pesquisadora Bernardete Angelina Gatti, quando o assunto é a formação docente. Egressa da Universidade de São Paulo (USP), ainda nos anos 1960 conheceu a realidade das instituições, lecionando para crianças e adolescentes da rede pública. Em seguida, partiu para a França, onde concluiu seu doutorado em psicologia

na Universidade Paris VII – Denis Diderot.

No início dos anos 1970, iniciou a carreira na Fundação Carlos Chaga (FCC), onde atua até hoje, como pesquisadora colaboradora, o que possibilitou uma longa jornada de estudos sobre a formação do professor brasileiro.

Direta e com uma visão antenada na realidade das salas de aula espalhadas pelo país, Gatti fala sobre temas relacionados à formação permanente do professorado, sob uma forte conexão com o dia a dia da profissão. 🌐

DIRETRIZES DEVEM NORTEAR E NÃO DELIMITAR

Na opinião da pesquisadora, quando as informações vêm na forma de pacotes, há o risco de elas “permanecerem empacotadas”.

“Acredito em normas mais amplas, que sinalizem algumas coisas, como um conjunto de ideias que norteiam a prática em sala de aula”, observa.

A professora salienta que todo tipo de material dessa natureza deve se apoiar em ideias fundamentais, pautadas pelas teorias educacionais, mas que, na execução, devem se alinhar às necessidades reais desses grupos.

A IMPORTÂNCIA DE OUVIR A ACADEMIA

“Tenho notado que, onde há gestores com uma visão ampliada e, também, maior formação e estudos, eles tendem a levar em consideração de forma mais direta os trabalhos desenvolvidos pela universidade”, comenta.

Por outro lado, aponta uma falta, por parte das instituições, de um sistema centralizado para difundir e dar capilaridade às suas ações e ideias para toda a rede. “Algumas dessas propostas estão em revistas muito especializadas ou, então, nas teses, nas prateleiras.”

A FORMAÇÃO CONTINUADA DEVE RESPONDER ÀS NECESSIDADES DE UMA REGIÃO

Para Gatti, os esforços relacionados ao tema da formação continuada devem jogar luz a características específicas de cada unidade escolar. “Deve responder, essencialmente, às necessidades de um certo tempo, em uma determinada região ou escola”, propõe.

É muito presente nas falas da especialista a importância da atuação municipal na condução desse preparo permanente. “A formação continuada é de construção local e regional. É preciso apresentar uma súmula que reúna os grandes trabalhos de pesquisa na área, e que seja um norte. Algo que leve a pensar: como os 5.570 municípios do Brasil vão se ajustar a uma regra única e igual?”

A PARTICIPAÇÃO DO TERCEIRO SETOR

“Tenho observado a numerosa contribuição de organizações não governamentais na rede pública e nos processos educacionais; um trabalho desenvolvido com pessoas que apresentam formação e competência para isso”, pontua.

No entanto, ressalta que o terceiro setor está ocupando um espaço que foi deixado pelas universidades, que poderia ser preenchido através do seu processo de extensão.

Outro ponto observado por Gatti é o papel de coparticipação nessas parcerias. “Acredito na iniciativa da sociedade civil em relação às gestões públicas quando há liberdade de escolha e de participar ou não de determinada medida; que sejam consultados e que possam contribuir”, finaliza.

O hiato entre a teoria e a prática

Apesar de serem
indissociáveis, a
interseção entre
teoria e prática
ainda é um desafio
no preparo contínuo
de docentes ao
redor do mundo





Ao longo do processo de construção de um profissional de educação, a lacuna entre o aprendizado teórico e a aplicação desses conceitos sempre foi alvo de preocupação.

Por um lado, a teoria é o pilar que fornece elementos para a compreensão da realidade; por outro, a prática é um processo de construção de significados que favorecem a estrutura-

ção social. Esses modelos precisam caminhar juntos.

No entanto, essa dinâmica esbarra no contexto da realidade que, muitas vezes, impede que a prática formativa utilize da melhor forma as considerações teóricas.

“E isso é necessário, já que ambas são construídas em completa interseção: uma ajuda a compreender a outra; e uma completa a outra”, evidencia



Imbernón: protagonismo do docente deve resgatar esse profissional, desde a sua formação

o doutor em filosofia Francisco Imbernón – professor da Universidade de Barcelona, que participou da reforma educacional espanhola em 1987 e escreveu livros que são referência sobre o preparo de docentes, como a obra *Formação Permanente do Professorado: Novas Tendências*.

“A pesquisa educacional deve ser usada para obter resultados que nos ajudem a compreender a realidade, para resgatar evidências de sua utilidade”, afirma.

IR ALÉM DO ESTUDO TEÓRICO

Para o catalão, uma longa trajetória de pesquisa pedagógica confirma que as qualidades da prática profissional docente requerem mais do que o estudo teórico e de modelos. Exigem, também, uma experimentação cooperativa, reflexão serena sobre a própria prática e contraste permanente com teses e experiências.

“Aprender a pensar, a comunicar e a fazer como professores contemporâneos, requer reconstruir os recursos conscientes e, principalmente, subconscientes que usamos para perceber, compreender, tomar decisões e agir como profissionais competentes no ambiente escolar”, observa.

Em sua obra, Imbernón defende com frequência a importância de preparar docentes que carreguem, em sua atividade, atributos como reflexão e investigação. “Neles, o desenvolvimento de instrumentos intelectuais que facilitem as capacidades reflexivas sobre a própria prática docente é considerado como um eixo fundamental do currículo formativo, cujo objetivo principal é aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade docente e social da comunidade”, explica, ressaltando o papel de fortalecimento da ética nessa função.

Isso implica, na sua opinião, fugir das políticas de subsídios, onde se pensa que dando (ou investindo) na formação, num grande número de cursos, seminários ou conferências, a educação vai mudar, enquanto o contexto laboral permanece empobrecido. Na visão do especialista, essas são propostas valiosas de formação, mas não as mais potentes. Como exposto abaixo, as experiências coletivas merecerão destaque.

“O trabalho da prática formativa é mais orientado para as experiências individuais do que para modelos de formação permanente de caráter coletivo, de desenvolvimento e melhoria do currículo e de processos investigativos”, alerta.

O DOCENTE E SEU PAPEL NA COMUNIDADE

Segundo Imbernón, os professores têm que ocupar seu papel na estrutura organizacional da educação; e a comunidade e seus vários componentes também terão de assumir.

Será necessário compartilhar processos educativos e formativos, refletir conjuntamente sobre o que é preciso mudar nas instituições para reduzir e banir a exclusão social, além de discutir como ela deve ser mudada.

“Essa formação permanente de professores deve facilitar a reflexão teórico-prática sobre a

própria função, através da análise da realidade, compreensão, interpretação e intervenção sobre a mesma”, reflete.

O objetivo é formar professores que sejam capazes de avaliar o potencial de necessidade e qualidade de renovação, que possuam certas competências básicas no campo das estratégias de ensino, planejamento, diagnóstico e avaliação, que sejam capazes de modificar continuamente as tarefas instrucionais, na tentativa de se adaptar à diversidade dos alunos e que estejam comprometidos com o contexto social.

OS RISCOS DE UMA FORMAÇÃO INDIVIDUALIZADA

O teórico alerta para os riscos de um preparo mais individualista do docente, amparado por uma estrutura educacional que facilita a formação do que ele chama de “escola de embalagem de ovos”, que promove uma cultura de isolamento, com suas vantagens e desvantagens – no caso, mais dessa segunda característica, sublinha.

“A profissão docente tem sua parte individualista, mas também precisa de uma parte colaborativa; e a formação permanente deve levar em consideração a forma da colaboração, para desenvolver processos conjuntos e quebrar o isolamento e a não comunicação estéril dos professores”, esclarece.

Considera um dos grandes males do ensino o chamado isolamento celular ou “celularismo escolar”, em que os membros da comunidade educacional assumem comportamentos e hábitos de trabalho onde impera o individualismo, a falta de solidariedade, a autonomia exagerada ou incompreendida, a privacidade.

“A preparação isolada pode originar experiências inovadoras, mas dificilmente uma inovação da instituição e da prática coletiva dos profissionais; temos que levar a formação o mais próximo possível das escolas e territórios, a partir das reais necessidades dos professores”, explica.

O PROFESSOR PROTAGONISTA

Imbernón defende o empoderamento do docente: moral e intelectual. Um protagonismo que

passa pelo resgate desse profissional, desde a sua formação, e de uma série de processos que desvalorizaram a categoria, pelas reformas, políticas e a fragmentação curricular do que ele chama de “neo tecnocratismo”.

Processos que estabeleceram a escola como mecanismo de decisão e não de relacionamento, com o excesso de rotinas, mecanização do trabalho e homogeneidade da prática.

“O objetivo deste rearmamento deve ser realocar os professores para serem protagonistas ativos de sua formação em seu contexto de trabalho, onde devem combinar decisões entre o que é prescrito e o que é real, aumentar seu autoconceito, sua consideração e seu emprego e status social”, enfatiza.

E isso só será possível, prossegue, por meio da mudança das políticas educacionais, amparadas pelas demandas dos professores, por maior autonomia profissional, pela possibilidade de poderem exercer uma verdadeira colegialidade entre os colegas, que possibilitem que sejam criativos em avatares profissionais, sem serem censurados, e que lhes permitam uma maior participação nas decisões de gestão, para serem capazes de desenvolver uma verdadeira participação com todos os envolvidos na educação – da infância à adolescência.

“As ações que defendemos não são uma formação voltada para as atividades em sala de aula; nem ver o professor como um aplicador de técnicas, mas sim orientado para um profissional reflexivo e crítico, que possui capacidades de processamento de informação, análise e reflexão crítica, decisão racional, avaliação de processos e reformulação de projetos”, finaliza. 🗣️

“A PREPARAÇÃO ISOLADA PODE ORIGINAR EXPERIÊNCIAS INOVADORAS, MAS DIFICILMENTE UMA INOVAÇÃO DA INSTITUIÇÃO E DA PRÁTICA COLETIVA DOS PROFISSIONAIS; TEMOS QUE LEVAR A FORMAÇÃO O MAIS PRÓXIMO POSSÍVEL DAS ESCOLAS E TERRITÓRIOS, A PARTIR DAS REAIS NECESSIDADES DOS PROFESSORES”.

Diversidade e Inclusão devem permear projeto

político-pedagógico
das escolas

De acordo com
especialista, a formação
deve preparar seu olhar para
promover a melhor relação de
aprendizagem com esses alunos



As informações do Censo Escolar da Educação Básica 2020 revelam que a rede de ensino nacional abriga 1,3 milhão de alunos identificados com deficiência, altas habilidades e transtornos globais do desenvolvimento.

Esse é um número expressivo, inserido no total de cidadãos com deficiência em todo o país, que ultrapassa 45 milhões de indivíduos, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Diante desse cenário, é fundamental estender o olhar para temas como diversidade, cultura e inclusão, nas rotinas de sala de aula e, em uma etapa anterior, no processo de formação de docentes.

“A educação como um todo vem se transformando e não podemos mais olhar os educandos da mesma forma – é preciso considerar que, neste universo, não temos ali indivíduos que aprendem e se desenvolvem todos da mesma forma”, explica a especialista em educação inclusiva e psicopedagogia Luciana Ferreira.

NÃO SIGNIFICA DECORAR UM UNIVERSO DE ESPECIFICIDADES

De acordo com a especialista, que faz parte da Divisão de Educação Especial do município de São Paulo, muitas vezes há uma visão equivocada de que conduzir o ensino sob esses pilares significa a condição de que o professor domine cada uma das especificidades.

“Na verdade, o preparo do professor no contexto da educação inclusiva é o resultado da vivência e da interação cotidiana com cada um dos educandos, com e sem deficiência, a partir de uma prática pedagógica dinâmica que reconhece e valoriza as diferenças”, explica. “Esse processo investigativo já é típico da natureza do professorado”, afirma.

“Uma escola inclusiva propõe a aprendizagem oferecendo oportunidades iguais para todos e estratégias diferentes para cada um, de forma ampla e colaborativa”, pontua.

PPP

Em linhas gerais, os pilares da inclusão, cultura e diversidade não devem ser tratados como um

ponto à parte nas rotinas diárias, mas devem permear o projeto político pedagógico das escolas (PPP), ressalta Ferreira.

O objetivo é, sempre, o de levar essas discussões para o cenário coletivo, pela realidade de cada comunidade educativa. “Pensar na realidade e singularidade desse ambiente, desse espaço, dessas realidades – a formação continuada se faz presente e necessária nesse contexto, mas ela está ligada ao eixo do planejamento e das estratégias dos professores”, diz.

Para auxiliar nesse processo, complementa, temos as vantagens da existência de salas de aulas diversificadas e da ampla presença de ferramentas e mídias (tanto para o docente quanto para a criança, adolescente e jovem). “São recursos que oportunizam conhecimento, que devem ser usados tanto no conhecer quanto no ensinar”, cita.

DISCUSSÃO QUE ENSINA

Para Ferreira, que é mestranda em educação especial pela Universidade de São Paulo (USP), as discussões de casos e partilhas de práticas são ferramentas necessárias e eficientes na difusão de boas práticas em educação inclusiva.

“Uma situação de um estudante pode servir para os demais, como uma oportunidade formativa – e isso fortalece o grupo, que passa a reagir, a se visitar e se estruturar”, afirma.

Trazer essas temáticas para os centros da discussão, complementa, é uma forma de fortalecer o presente e o futuro desse tipo de dinâmica no ambiente escolar.

“Historicamente, somos frutos de uma sociedade que inspirava movimentos segregativos – e precisamos aprender que eram situações impostas”, observa.

Afastar-se de exemplos que não eram edificantes e implementar, com estudos e pesquisas, formas de fornecer chances de ensino e crescimento a todos os alunos.

“Significa acreditar que a educação é, com certeza, uma das chaves para a transformação da sociedade – e que lidar, acreditar e trabalhar é fortalecer essa evolução da sociedade e desse indivíduo”, conclui. 🌍

Pouco avanço na integração tecnológica





Mesmo em tempos hiperconectados, aos moldes do que pede a BNCC, o potencial desses recursos ainda não é utilizado em sua plenitude

Fato: a pandemia evidenciou aos professores a importância das tecnologias na educação e permitiu que essa categoria tivesse mais contato com o uso cotidiano de recursos como e-mail, ferramentas de videoconferência e comunicação.

No entanto, ainda que esses recursos estivessem presentes, em menor e maior escalas, nas rotinas de todos os docentes, a forma como o aparato tecnológico e suas possibilidades potencializou a aprendizagem não avançou na mesma proporção.

“A integração das tecnologias na educação, como preconiza o texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os principais estudos sobre o tema, como o desenvolvimento de competências, pouco avançou, mesmo com tanto contato nesses últimos dois anos”, explica a fundadora e diretora da Redesenho Educacional, e mestre em educação, Julci Rocha.



POUCOS RECURSOS

“Penso que não apenas as escolas, mas as políticas públicas ainda investem muito pouco em equipar as instituições adequadamente para um uso sistemático das tecnologias e as ofertas de desenvolvimento profissional ainda são pouco efetivas, centradas em recursos específicos, desconectadas das experiências de sala de aula, dos currículos e sem espaço para troca e feedback”, observa a especialista.

Na sua visão, ainda estamos em um passo anterior, que é o de sensibilizar as escolas e redes para compreender seu atual cenário, face a essa questão e criar uma visão de integração de tecno-

COMO REALIZAR A AUTOAVALIAÇÃO?

O primeiro passo para a autoavaliação de competências digitais docentes, desenvolvida pelo Cieb e expandida para toda a América Latina, é uma ferramenta em que o professor avalia seu nível de apropriação e recebe um relatório explicativo com dicas de ações que pode fazer para aumentar esse *score*.

Esse recurso é gratuito e pode ser feito pelo professor independentemente da sua escola. Para realizar a autoavaliação, basta acessar <https://guiaedutec.com.br/educador>.

ESCOLAS

Para as instituições de ensino, há também um instrumento de avaliação mais amplo, que engloba os quatro níveis da metodologia Quatro em Equilíbrio, citada na página seguinte. Esse diagnóstico, que também vem com um relatório de orientações para a escola, pode ser acessado em: <https://guiaedutec.com.br>.

GUIA EDUTEC

Dentro da própria página do guia, há um painel de monitoramento, atualizado em tempo real (hoje são mais de 86 mil respondentes) que apresenta os dados gerais dos diagnósticos realizados no país, com algumas estratificações.

O banco de dados ainda não tem uma representatividade nacional, pois as respostas estão localizadas em redes que fizeram um trabalho mais institucional, como São Paulo, Ceará, Espírito Santo e Amazonas. “Mesmo com essa localização, ainda podemos extrair algumas análises: a maior parte dos professores se avaliam entre o nível 2 e nível 3, numa escala de 5 níveis de apropriação”, aponta Rocha.

Os níveis 4 (integração) e 5 (transformação) são aqueles em que os professores fazem uso mais avançado dos recursos em sala de aula, de maneira sistemática.

No nível das escolas, são mais de 27 mil unidades se autoavaliando e, dentro dos 4 níveis (emergente, básico, intermediário e avançado), apenas na dimensão dos recursos digitais as escolas se consideram “intermediário”. Nas demais frentes (visão, competência e infraestrutura), as escolas se avaliam como nível “básico”.

logias que integre todas as frentes: a visão, o desenvolvimento de competências dos profissionais da educação, a oferta de recursos adequados e a infraestrutura necessária para um uso sistemático.

Esse modelo, denominado “Four in Balance” (em português “Quatro em Equilíbrio”), foi adaptado para o Brasil pelo Centro de Inovação para a Educação Brasileira (Cieb) e está sendo utilizado como metodologia pelo Programa de Inovação Educação Conectada, uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).

AUTODESENVOLVIMENTO

Segundo a especialista, existem dois tipos de pontos de vista para aprimorar esse cenário. Uma mudança que acontece em todas as esferas, em que as redes e escolas (por meio de gestores e equipe técnica) possibilitam as condições para o uso efetivo das tecnologias e, assim, constroem junto aos professores, responsáveis e estudantes essa visão de escola conectada, centrada no uso para o desenvolvimento de competências e para apoiar a aprendizagem.

“Mas também sou defensora de uma visão mais profissional dos professores com relação ao seu autodesenvolvimento. Cada um de nós é responsável por compreender nossas lacunas e buscar meios de suprir as necessidades de aprendizado”, complementa.

Um processo de desenvolvimento que não é institucional e que, de acordo com a especialista, não necessariamente precisa ser solitário. Deve ser solidário”, ressalta.

Esse tipo de autoavaliação pode ser experienciado por diversos caminhos, como redes informais de apoio e conteúdos gratuitos na internet (*ver boxe*).

COMPETÊNCIAS DIGITAIS

Rocha delimita que existem instrumentos para identificar as competências digitais a serem desenvolvidas no trabalho docente. Após esse diagnóstico, a ideia é planejar ações formativas efetivas para os professores e gestores educacionais.

“Hoje, esse é o trabalho que desenvolvemos: apoiar escolas e redes de ensino a elaborar um



plano de transformação que, também, passe pela cultura digital”, pontua.

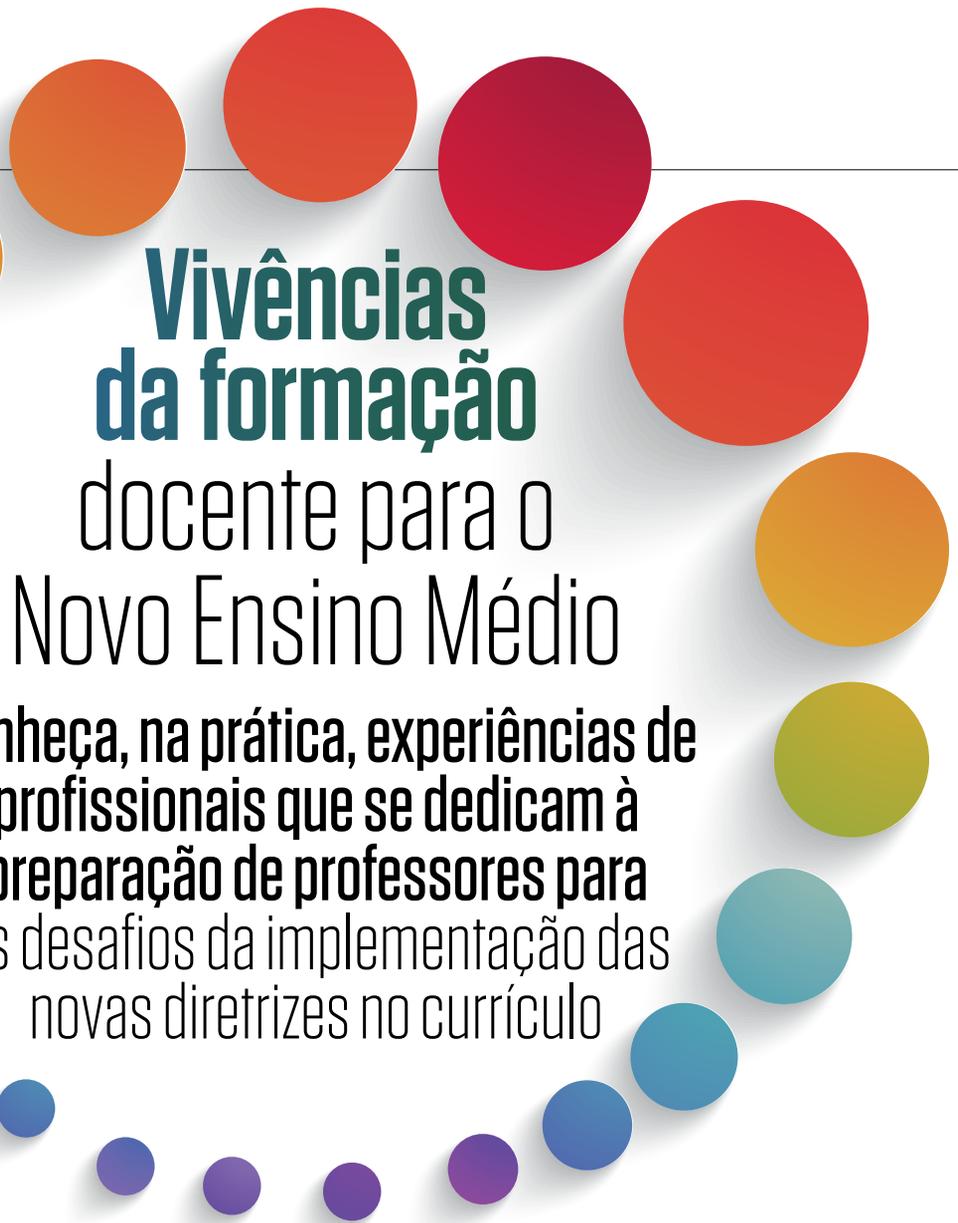
A especialista alerta para o fato de que não é possível falar de tecnologia isoladamente, sendo preciso integrar o uso das tecnologias em um contexto de inovação, em que o professor revisita suas práticas para desenvolver experiências em sala de aula mais centradas no desenvolvimento de competências e habilidades dos estudantes e, assim, suas próprias competências digitais. “Afinal, professor também é sujeito do processo pedagógico, não é apenas um meio”, observa. 🗣️

Rocha: é preciso identificar as competências digitais e planejar ações formativas

“TAMBÉM SOU DEFENSORA DE UMA VISÃO MAIS PROFISSIONAL DOS PROFESSORES COM RELAÇÃO AO SEU AUTODESENVOLVIMENTO. CADA UM DE NÓS É RESPONSÁVEL POR COMPREENDER NOSSAS LACUNAS E BUSCAR MEIOS DE SUPRIR AS NECESSIDADES DE APRENDIZADO”.



BNCC



Vivências da formação docente para o Novo Ensino Médio

Conheça, na prática, experiências de profissionais que se dedicam à preparação de professores para os desafios da implementação das novas diretrizes no currículo



Em comum, quatro profissionais dividem a paixão por ensinar e os desafios de preparar professores para o Novo Ensino Médio nas escolas brasileiras.

O caminho ainda é longo e a jornada mostra-se bastante complexa – mas cada um deles, em suas respectivas áreas, aponta os caminhos possíveis para difundir o aprendizado.

● LINGUAGENS

Paula Marques

Coordenadora de Linguagens do Colégio São Luís, São Paulo



Marques escolheu a carreira por unir duas paixões: literatura e sala de aula

HABILIDADES

O Novo Ensino Médio nos impõe o olhar para as habilidades e exige que mudemos não apenas a metodologia da nossa aula, mas que foquemos aquilo que queremos desenvolver, quais são as habilidades daquela atividade. Participo de grupos de produção de material para professores e para alunos, todos com foco nas habilidades que serão desenvolvidas/trabalhadas a partir dos conteúdos.

Não acredito que meu aluno precise achar a oração subordinada substantiva objetiva direta no 9º ano ou saber classificar o substantivo no 3º ano, essas habilidades de localização e de classificação podem ser feitas por mim, em um primeiro momento, mas ele precisa saber usar, precisa perceber que um parágrafo mal escrito pode ser consequência da falta de uma subordinada ou de um substantivo, por exemplo.

OBJETIVOS

Sempre inicio as aulas com o meu objetivo – e que não pode ser o conteúdo puro, simplesmente. Não basta avisar que “hoje meu objetivo é ensinar substantivo”, mas é preciso problematizar: para que servem os substantivos? Nossa missão será a resposta a esse problema e minha aula deve ser planejada para que o aluno chegue a essa conclusão.

O trabalho com as linguagens não pode ser estanque, há de se planejar aulas entre arte, línguas, educação física. Promova a leitura de poemas em português ou inglês que falem sobre o corpo em diferentes momentos literários, traga reportagens sobre o tema, descubra com os alunos artistas e suas formas de retratar o corpo.

REDE

Promova o networking nas escolas: procure a biblioteca, proponha atividades de literatura em conjunto. Saraus, feiras literárias, apresentações teatrais, comic-con etc. O aluno precisa se ver envolvido em ações que o motivem a ler, a conhecer, a participar.

Incentive um olhar pelo entorno da escola: quais são os problemas reais, não os nossos, não os que queremos trazer. Mostre aos alunos os Objetivos

de Desenvolvimento Sustentáveis, instigue-os a conhecerem a comunidade da qual fazem parte.

● HUMANAS

Diego Moreira

Diretor da Escola dos Saberes, São Paulo



Moreira: “possibilidade de aprofundar saberes e reflexões considerando a realidade que cada professor encontra no seu território”

DESAFIO

O Novo Ensino Médio é atualmente um dos maiores desafios para as escolas brasileiras. Temos realizado rodadas de formação com professores especialistas em muitas escolas no Brasil e destaco alguns pontos importantes desse processo.

É muito importante que gestores e docentes consigam estudar as possibilidades que se abrem com esse novo modelo. Ter clareza para os pontos críticos e realizá-los com aprofundamento necessário.

PROJETO

Mergulhar no Projeto Político-Pedagógico (PPP) de cada unidade escolar. É no PPP que estão as principais chaves de soluções para a escola. É a hora de estudo do currículo, da identidade das escolas e de diálogo com a comunidade escolar.



RELAÇÕES HORIZONTAIS

Realizar com seriedade um projeto profundo de formação de professores. Diminuir a mentalidade hierarquizada que permeia a escola por décadas e horizontalizar as relações. Ou seja, o Novo Ensino Médio é um convite para realinhar a proposta do ensino fundamental também.

As escolas precisam, no limite, incorporar em seus orçamentos o investimento com a formação permanente dos professores. Oferecer formação dentro da expectativa desenhada no seu projeto e futuramente verificar a manutenção ou não desse corpo docente.

O professor não pode ser única e exclusivamente responsabilizado pela formação. É importante um pacto coletivo de formação, com investimento das redes e das escolas, com comprometimento dos docentes e com participação das famílias.

● CIÊNCIAS DA NATUREZA

Wolney Melo

Doutor em Educação e diretor do Atitude Educacional



Melo: "a satisfação alcançada quando os estudantes conseguem aprender é indescritível"

COMPONENTES CURRICULARES

Tenho desenvolvido, em diversos estados brasileiros, atividades de formação continuada visando a implementação da BNCC do Ensino Médio e a construção de planejamentos que permitam a integração efetiva dos componentes curriculares que pertencem à mesma área do conhecimento. Por muito tempo, física, química e biologia pouco conversaram, apesar de pertencerem à mesma área de ciências da natureza.

Com a nova concepção de ensino por área, é necessário que esses componentes estabeleçam relação, possibilitando ao estudante a compreensão de que a ciência não é constituída por conhecimentos independentes entre si.

AMPLITUDE

O entendimento completo só ocorre quando percebemos que um determinado conceito, para ser formulado, foi consequência dos avanços ocorridos no pensamento científico de maneira mais ampla e dos avanços que ocorreram na sociedade da época.

Assim, ao ensinar qualquer conceito de ciências da natureza, o professor deve propiciar situações de pesquisa e de reflexões para seus estudantes, de modo a instigá-los ao questionamento sobre o pensamento vigente na sociedade e nos meios científicos e tecnológicos da época.

PENSAMENTO CRÍTICO

Contribuímos para o desenvolvimento do pensamento científico, reflexivo e crítico sobre os conceitos e aplicações, possibilitando ao estudante o desenvolvimento de uma aprendizagem verdadeiramente significativa. Nesse sentido, a utilização de artigos científicos, reportagens e pesquisas sobre o desenvolvimento de novos materiais e de novas tecnologias tende a estimular a curiosidade dos estudantes.

E um estudante curioso vai longe!

● MATEMÁTICA

Douglas Dantas

Diretor de Projetos Educacionais da Maestro Educação



TEMPO DE MUDANÇAS

Há a necessidade de transformar essa etapa final da educação básica, tanto no que se refere ao currículo, quanto à maneira como colocamos em prática esse currículo. Com a homologação da BNCC e a publicação da Lei 13.415 do Novo Ensino Médio, aquilo que para muitos professores seria algo passageiro, começa a ser uma realidade concreta em 2022.

TRILHAS

Mas, como colocar em prática sem conhecer e pensar nas possibilidades e desafios que ele provoca nas reformulações

dos currículos e projetos pedagógicos das escolas?

Foi partindo desse questionamento que me dedico, desde 2017, a entender a nova arquitetura e ter um planejamento que envolve a compreensão dos gestores, professores, estudantes e famílias. Assim organizamos diversas formações e trilhas formativas para contribuir com as escolas na reformulação de suas propostas pedagógicas, discutindo temáticas como matriz curricular, currículo, regimento escolar, formação geral básica, BNCC e itinerários formativos.

INTEGRAÇÃO

Na área de matemática, temos o desafio de integrar os conhecimentos e habilidades às outras áreas do conhecimento. Acredito que o meu papel tenha sido gerar possibilidades aos educadores com reflexões e práticas visando a apropriação das competências e habilidades específicas da área.

REALIDADE INTERDISCIPLINAR

É necessário contribuir para a construção de processos pedagógicos que façam o trabalho interdisciplinar ser uma realidade possível em todas as escolas brasileiras – é um grande desafio que tenho na minha carreira neste momento.

Dantas: “precisamos nos inspirar uns nos outros e nas diferentes práticas pedagógicas”

FEEDBACK ESTRATÉGICO

É preciso compreender que o processo de avaliação deve ser utilizado como um *feedback* para que novas estratégias possam ganhar forma, possibilitando ao estudante uma oportunidade a partir de uma metodologia para corrigir a própria rota.

Espero contribuir nos próximos anos com a formação docente promovendo estratégias de ensino de matemática para que seja uma linguagem significativa para os estudantes. Assim, meu papel nas formações com os educadores é ouvi-los, perceber quais são as dúvidas, ampliar a visão de mundo, fazer com que possam compreender o significado das habilidades, a importância das competências, bem como planejar e avaliar de forma diferente. 🌍



“Estou há 32 anos no magistério e ainda não vi o suficiente”

Da lousa da alfabetização à supervisão de um tradicional colégio paranaense, as impressões de uma profissional que acompanha, sob diversos pontos de vista, os desafios da formação docente no Brasil

**Em depoimento à reportagem da Mundo Escolar*

Meu nome é Rossana Marchiori de Souza Ramos e hoje sou supervisora Pedagógica do Colégio Passionista – Nossa Senhora Menina, em Curitiba (PR). Cursei o magistério no Instituto de Educação do Paraná, em 1989. À época, estava com 17 para 18 anos de idade. Em 1994, me formei em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR).

Meu pai foi o principal responsável por eu seguir nessa carreira. Na verdade, não me deu opção (*risos*): tinha de fazer um curso profissionalizante e, dentro deles, escolher o magistério. E eu tenho uma irmã mais velha que já havia trilhado esse caminho.

Fui fazer e gostei do que vivenciei.

EXEMPLOS

Nessa trajetória tive duas professoras que marcaram muito a minha vida: na universidade, na área de Linguística, estava uma delas. Era icônica: ame-a ou deixe-a. Resolvi amá-la, pela aprendizagem que ela trazia. Sua visão da educação como ciência era fantástica.

A outra foi uma professora do ensino fundamental, de língua portuguesa – daí vejo a responsabilidade que elas tive-



Rossana Marchiori: supervisora pedagógica do Colégio Passionista – Nossa Senhora Menina, em Curitiba (PR)

ram na minha formação. Eram muitas leituras e um grande incentivo, que foi despertando esse gosto pelo tema.

Ainda hoje me pego com algumas situações muito parecidas às que elas faziam em sala de aula. Me espelho muito nelas – sinto orgulho disso ainda hoje.

FORMAÇÃO INSUFICIENTE

O que aprendi na minha formação inicial não foi suficiente – aliás, nunca é. Quando falamos sobre educação, assim como de um médico, que precisa sempre se renovar, estudar, pesquisar, o professor também é igual. É necessária essa consciência e, ao mesmo tempo, precisamos dar essa oportunidade para que o docente possa levar a sua prática como objeto de estudo constante.

Foi uma experiência transformadora, mas estou com 32 anos na área de magistério e ainda não vejo isso como suficiente. É como se a cada dia, momento ou estudo, eu fosse desafiada a uma nova aprendizagem. E estar aberta a isso é fundamental.

PRIMEIRO DIA DE TRABALHO

Fui com uma amiga buscar um material que ela havia deixado no colégio. Uma freira olhou para mim e falou: “você tem carinho de professora de primeira série”. E eu argumentei que ainda não estava sequer com meu diploma, pois acabara de me formar. Mas ela disse que me ajudaria e eu aceitei. No meu primeiro dia de aula, parecia que ainda estava com minha regente de magistério, observando minha aula de estágio. A irmã ficava no fundo da sala de aula, observando a forma como eu dava aula e, em seguida, fazia sugestões – sempre me dei essa oportunidade de escutar conselhos que eram para o meu crescimento profissional.

UM OLHAR SOBRE O ADOLESCENTE

Além dos cursos no início de minha carreira, tenho a formação em pedagogia e um MBA em gestão de organizações educacionais. São experiências que me possibilitaram estar presente em todas as áreas e níveis possíveis de se trabalhar

com o aluno, que me fizeram entender que a fase de aprendizagem do adolescente, estar com ele, é o ponto máximo da minha carreira.

Meu objeto de estudo é entender o papel do professor com esse educando, de uma formação tão incerta. A adolescência nos desafia muito. É isso que me instiga, me provoca, então sempre quando se fala em formação continuada, busco essa outra vivência, com o profissional que ensina alunos dessa faixa etária.

OUVIR O DOCENTE

Acho fundamental ouvir esse professorado, prestar atenção na sua prática, fazer com que ele se perceba como profissional e, aí sim, criar esse ambiente para que ele esteja na sua busca de uma formação constante.

Costumo falar aos professores: tem gente que está pensando nisso para você, pegue essa base, vamos aprimorar, aplicar em sala de aula, se é possível essa aplicabilidade dentro do nosso conceito e realidade. À época das diretrizes para o Novo Ensino Médio, nós começamos a fazer essa implementação e tudo o que o Conselho Nacional de Educação (CNE) trazia, nós já devolvíamos como formação para nossos professores. Nossa prática vai mudar, vamos estudar juntos, falávamos.

No Colégio Passionista – Nossa Senhora Menina, uma instituição de 82 anos, aprecio muito a consultoria da FTD Educação – eu não vejo o material didático como carro-chefe, mas, sim, a fundamental parceria com a instituição. Tenho a oportunidade e a possibilidade de trazer isso para dentro da sala de aula, para o grupo de educadores. E eu entendo isso como um crescimento na formação constante nesses agentes – que é uma oportunidade que nem todos têm.

Nós vemos a consultoria educacional FTD como uma estratégia para o nosso trabalho, que pode qualificá-lo e ajudar a perceber o que estamos propondo em relação à seriedade e excelência na educação, pois possuo um padrão de qualidade diferenciado.

Sou casada e mãe de dois filhos: Amanda e Luca. São dois seres que me permitem entender que essa educação em que eu acredito, dá certo. 🌍



Vozes da formação docente ao redor do Brasil

Ouvimos profissionais de diversas localidades que dividiram suas histórias e impressões sobre o ofício de preparar outros professores

RONDÔNIA —

CLÁUDIA DOS SANTOS ALMEIDA

Escola Marcelo Candia Subsede I (Rede Marcelina) – Porto Velho (RO)

Para minha família era um orgulho ter um educador. É uma profissão linda, porque não há nada mais gratificante do que ver o florescer de uma criança ou de um adolescente.

É uma profissão cheia de desafios, mas ainda assim vejo esperança e acredito, fielmente, que a troca de experiências é o caminho – e o espaço da formação é o melhor lugar para essa troca de saberes.

BAHIA – ANÁLIA CRISTIANE XISTO FIUZA

Colégio São Bento – Salvador (BA)

Acredito que a educação é transformadora e libertadora. Quando construímos e trocamos o saber, todos os envolvidos só têm a ganhar.

Ser docente é algo desafiador, pois temos que desconstruir e construir ideias, pensamentos e ações, de forma constante. É necessário pensar na formação da criança como um sujeito atuante, de forma empática na atual sociedade, que se mostra a cada dia complexa e dinâmica.

SÃO PAULO – MARCELO JANUÁRIO

Supervisor de ensino da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cerquilha (SP)

Formar pessoas é fascinante, saber que você fez parte e vê-los vencer na vida é algo que não tem preço – não porque é minha obrigação e sim minha paixão.

A educação é uma profissão de muitas mudanças, uma variedade imensa de oportunidades e vivências, não só para o aluno, pois o professor deve estar constantemente em evolução.

Ser docente é semear o conhecimento, porém, para que os frutos possam ser colhidos, devemos ter o cuidado de cultivar nossas “sementes”.

É um trabalho árduo, de muita paciência e perseverança, existem muitas dificuldades, mas o resultado final supera tudo.

MINAS GERAIS – LEIDIANE APARECIDA DA SILVA

Coordenadora de Apoio Educacional na Secretaria Municipal de Educação e Cultura – Elói Mendes (MG)

Desde criança admirava meus professores em sala, e os via como super-heróis, imortais. E me imaginava se um dia poderia ser como eles.

Nas aulas da faculdade descobri o quão linda e ampla é a área da educação e fui me apaixonando ainda mais. Me encontrei na linha de trabalho e já sei com o objetivo de uma especialização em psicopedagogia clínica e institucional numa perspectiva inclusiva, e com isso trabalhar com o que mais amo.

Atuar como professor, hoje me possibilita auxiliar, ajudar os alunos que tenham dificuldades em aprendizagem, colocando em prática toda aprendizagem que tive e o quanto estudo. Tornando esse processo mais prazeroso para ambos.

RIO GRANDE DO SUL – ADRIANA GANDIN

Consultora de tecnologia educacional da FTD Educação – Porto Alegre (RS)

Escolhi ser professora desde muito pequena, dando aulas para minhas bonecas. Acredito que a grande inspiração veio a partir da experiência em casa, com dois grandes professores, meus pais.

Ser docente, nos tempos atuais, significa trabalhar e refletir sobre temáticas que façam sentido para o grupo. Ao trabalhar com metodologias ativas e projetos de estudo, durante minha trajetória docente, percebi o quanto a tecnologia digital pode agilizar e aprimorar os processos educativos, na busca de informações, de registro e de comunicação; por isso, resolvi investir na minha aprendizagem nesta temática e partilhar estas experiências e conhecimentos com os demais professores.



ionica

sou a aprendizagem levada além.

FTD - MKT

Sou o ambiente digital de aprendizagem da **FTD Educação**.

Comigo, gestores, professores e estudantes se conectam em um espaço sempre atualizado, integrado, seguro e perfeito para criar, compartilhar, interagir e levar a Educação além.



Minha biblioteca oferece mais de 14 mil livros digitais, além disso, tenho mais de 32 mil recursos virtuais.



Tenho um banco com mais de 68 mil questões para todos os níveis de ensino.



Possuo integração com as melhores ferramentas, para transmissões de aulas virtuais, quando e onde você estiver.



Para facilitar o acesso, professores e estudantes podem organizar os seus conjuntos de livros favoritos.



Na agenda, professores e estudantes organizam suas tarefas, conferem horários e acompanham os status das entregas em tempo real.



Os meus conteúdos digitais podem ser avaliados por todos os usuários, possibilitando um canal direto de feedback.



Ofereço relatórios estruturados por habilidade e atividade, que permitem o acompanhamento do desempenho dos estudantes.



O mural é o local de interação entre estudantes e professores. Nele, é possível publicar avisos, tirar dúvidas e acompanhar o desenvolvimento das turmas.



Escaneie o QR Code ao lado e assista ao vídeo ou acesse o site souionica.com.br

Licença anual de uso. Consultar disponibilidade do projeto na sua região.

FTD
EDUCAÇÃO

FTD SISTEMA DE ENSINO
A ESCOLHA
MAIS COMPLETA,
PARA ACELERAR
RESULTADOS
FORA DE SÉRIE.



DANIEL SERRA
Tricampeão - Stock Car

POTENCIALIZAMOS TALENTOS.
ACELERAMOS RESULTADOS.



SAIBA MAIS: FTDSE.FTD.COM.BR